

TEORIA SUBJACENTE AO ACUMULADOR DE ORGÔNIO DE WILHELM REICH

Sanyo Drummond Pires
(UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados)

David Cesar Eliseu
(NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família – Muriaé – MG)

Resumo

Com esse artigo pretendemos descrever, a partir dos referenciais da teoria reichiana, o funcionamento e os efeitos do uso do acumulador de orgônio, com especial atenção para a necessidade desse uso dentro de uma perspectiva mais ampla, proposta pelos modelos terapêuticos da orgonoterapia.

Palavra-chaves: Wilhelm Reich; acumulador de orgônio; orgonoterapia

Abstract

Underlying theory of Orgone Accumulator of Wilhelm Reich

With this article we intend to describe, from the references of Reich's theory, functioning and the effects of using the orgone accumulator, with special attention of the necessity of this use inside a larger perspective proposed by the orgone therapy therapeutic models.

Keywords: Wilhelm Reich; orgone accumulator, orgonotherapy

Introdução

Com a vinda a tona dos escritos de Reich em 2007, após um período de cinquenta anos ocultados (à pedido do próprio autor) viu-se aumentar o interesse por suas teorias, e, principalmente, as desenvolvidas no período final de sua vida, que versavam majoritariamente sobre o Orgônio, energia que sustenta e apoia os fenômenos vitais. Um dos temas

relacionados a esses estudos, no entanto, vem ganhando maior atenção, principalmente por parte de grupos sem formação técnica específica nas áreas de saúde, que é o Acumulador de Orgônio, também conhecido como Caixa de Orgônio.

O Acumulador de Orgônio é um dispositivo criado por Reich com base em suas pesquisas sobre a energia vital. É uma construção em formato aproximado

de cubo com uma abertura para ventilação e espaço para uma pessoa adulta sentar-se numa banqueta em seu interior. A composição singular das paredes, do chão e do teto do acumulador promovem uma concentração maior de uma energia vital que existe em todos os lugares, na atmosfera, na terra, nos seres vivos, em toda matéria e também nos espaços vazios. Posicionado no interior deste dispositivo, um ser vivo seria capaz de absorver a energia ali presente em maior concentração do que no ambiente externo à caixa, e assim “recarregar” seus tecidos e estruturas melhorando assim seu metabolismo vital e, potencialmente, suas relações consigo mesmo e com o mundo.

O Acumulador surgiu no contexto do aprofundamento das concepções sobre aparelho psíquico e foi usado por Reich como ferramenta de pesquisa e como tratamento adjuvante ao processo denominada orgonoterapia, terapia baseada na energia orgone, por ele estruturada que permitia tratar com sucesso uma série de doenças orgânicas graves para as quais não há ainda uma cura, notadamente doenças autoimunes e degenerativas.

No entanto, a divulgação e apropriação que vem sendo feita desse aparelho, principalmente por parte de grupos leigos sobre o assunto (com a disseminação de informações sobre como

construir um Acumulador de Orgônio em sites na internet) se dá de maneira a não localizar seu uso dentro de um contexto terapêutico mais amplo, proposto por Reich, o que pode vir a causar mais malefícios que benefícios ao sujeito. O presente artigo se propõe, além de indicar os pressupostos teóricos subjacentes ao Orgônio, também indicar o contexto adequado da utilização do Acumulador de Orgônio, fazendo uma breve descrição da proposta de tratamento desenvolvida por Reich.

O Desenvolvimento da Noção de Orgônio

Segundo Boadella (1985), a preocupação com uma energia vital, surgem em Reich à partir de seus estudos sobre a teoria da libido Freudiana, e à busca de um substrato físico e biológico que demonstrasse sua existência para além de uma realidade meramente psíquica. Esta concepção se ligava a elementos do pensamento pré-psicanalítico de Freud, principalmente aqueles relacionados à busca de uma base física e química para criar uma psicologia alinhada ao paradigma científico da época. Nesse sentido, além de Freud, outros autores também influenciaram o desenvolvimento do pensamento de Reich, principalmente Henri Bergson,

com o conceito de élan vital, que se refere à uma força criadora e organizadora da vida, uma energia vital primordial. Reich, no entanto, discordava do viés espiritualista bergsoniano, considerando-o coercitivo e inibidor da liberdade do sujeito. (Rycroft, 1971).

Reich vai afastar-se então de Freud, em função de diversas divergência teóricas e políticas, e a questionamentos ao modelo de tratamento proposto pela psicanálise, principalmente no que diz respeito à função da atuação sobre aspectos corporais do sujeito (Aguiar, 2001). Desenvolve um conceito próprio de energia vital que vai posteriormente denominar Orgônio, principalmente a partir de estudos laboratoriais, tendo como foco doenças autoimunes e degenerativas, principalmente o câncer (Boadella, 1985)

A princípio, desenvolve pesquisas com o propósito de medir o potencial elétrico da pele humana em diversas situações de prazer e desprazer ou angústia, e, relacionando esses dados às observações das reações de seus pacientes no consultório, acredita ter identificado a natureza física da energia libidinal Freudiana. Esta linha de pesquisa mostrou que a pele variava seu potencial elétrico, em relação a um valor médio aferido com o organismo em

repouso, de acordo com a percepção subjetiva de prazer ou desprazer.

O potencial se elevava mais intensamente nas situações consideradas prazerosas e nas regiões corporais mais diretamente envolvidas com o prazer, e diminuía nas situações consideradas desprazerosas. Estes resultados permitiam supor a existência de um movimento energético no organismo que se estendia da periferia da pele para o centro do corpo e vice versa e permitiram também estabelecer uma equivalência funcional entre sensações subjetivas e observações objetivas. Na medida em que apenas situações experimentais que produzissem uma sensação subjetiva de prazer eram acompanhadas pela elevação mensurável, objetiva do potencial elétrico da pele. O relaxamento da musculatura em resposta a uma sensação percebida como agradável elevava o potencial da pele e o inverso, contração da musculatura periférica numa situação percebida como desagradável, diminuía o potencial. Estas observações permitiram agrupar várias ordens fenômenos num mesmo movimento vital, energético de expansão- contração (uma pulsação) ao longo de um eixo centro-periferia do organismo, o qual também provocava um aumento ou diminuição do potencial elétrico da pele. (Reich, 1948/2009)

Reich (1938/1979) passa a realizar novos experimentos com objetivo de provocar a desagregação estrutural das substâncias até um nível que permitisse a “liberação” de alguma energia que porventura existisse no seio da matéria viva. Observa então que partículas cada vez menores começam a se formar, como era de se esperar, porém algo mais acontece. Algumas destas partículas têm uma aparência incomum, arredondadas, dotadas de um movimento de atração mútua, um leve brilho azul-acinzentado, sinal da presença de uma carga energética de natureza distinta, e delimitada por uma membrana fina claramente delineada.

Com o passar do tempo estas partículas vão perdendo seu brilho até finalmente se degradarem. As maiores e mais brilhantes levam mais tempo para fazê-lo, porém o processo é o mesmo. Mais tarde Reich conseguiu reduzir o tempo que a matéria levava para atingir este estágio. Passou também a experimentar variações, usando matéria inorgânica, como areia da praia ou partículas metálicas. Aparentemente a degradação da matéria inorgânica dava origem a partículas mais estáveis, com maior carga e de tamanho maior. Tanto umas quanto outras reagiam positivamente a corantes biológicos, o que significa que apresentavam algumas características de substâncias orgânicas,

vivas. Levando tudo isso em conta, Reich batizou estes corpúsculos de bions e considerou-os a menor porção individualizada de energia vital, uma forma de transição entre o vivo e o não-vivo.

A observação contínua destes corpúsculos brilhantes ao microscópio ocasionou o surgimento de uma inflamação nos olhos de Reich e de membros de sua equipe. Um oftalmologista recomendou alguns dias de afastamento do trabalho e a inflamação cedeu. No seu retorno, ela também retornou. Reich percebeu que o olho mais usado na observação microscópica era sempre o afetado. Supôs então que a energia dos bions tivesse uma ação biológica. Ele considerou que aquela energia estava relacionada a processos biofísicos de carga e descarga, contração e expansão que eram observáveis no ser vivo desde o nível unicelular. Esta pulsação vital foi considerada fundamental para o funcionamento saudável do organismo, tanto física quanto psiquicamente. E esta pulsação aparentemente estendia-se para além do movimento dos fluidos, dos tecidos e dos sistemas do corpo onde ela na verdade está bem aparente (coração, pulmões, circulação, atividade-reposo, etc.), visto que, desde o nível celular, está presente um campo energético que não se

limita à membrana, se expandindo também para o ambiente. (Reich, 1948/2009).

A diminuição do ritmo vital em Reich, em seus colaboradores e na atmosfera circundante ao laboratório onde aconteciam os experimentos com bions encontrava correspondência nas alterações que ocorriam na energia manipulada pela equipe. O laboratório situava-se no porão da propriedade, ficava fechado a maior parte do tempo, a ventilação não era das melhores e, sobretudo, aconteciam ali operações que aparentemente liberavam para o ar uma energia presente na matéria viva e não-viva que tinha efeitos profundos sobre tudo que a cercava. Reich julgou que, com a degradação do movimento dos bions nas misturas algo se alterava na energia que por sua vez repercutia no ambiente, como uma espécie de ação à distância. Depois de muitas observações, ele concluiu que este “algo” era o próprio movimento da energia, o qual, alterado para além de um certo ponto, transformava-se numa variedade patogênica do orgone, que foi denominada de DOR (deadly orgone – orgônio mortal) (Boadella, 1985)

DOR é uma forma de orgônio denso, de baixa energia e pouco movimento. Ao contrário dos bions, com suas membranas arredondadas, seu brilho

azulado e seus movimentos semicirculares, que estimulam de forma positiva a expressão da vida, o DOR tem o efeito exatamente oposto. É pesado, retarda o ritmo das reações biológicas e promove uma degradação mais aguda dos processos vitais. A transformação de um em outro, de OR (orgônio) em DOR, foi primeiro testemunhada por Reich nas preparações de bions, mas está presente em todos os processos vivos e acontece o tempo todo na natureza. Ao microscópio, os bions oriundos da desagregação da matéria flutuam livremente e se movimentam em trajetórias de formato arredondado, semicirculares. À medida em que vão perdendo energia estas partículas vão também perdendo seu brilho característico e mudando de forma, tornando-se mais alongadas até que não são mais do que bastões muito finos e escuros, como fragmentos de pelo ou limalhas de ferro. O aparecimento destas partículas (Que Reich chamou de Bacilos-t -do alemão “tod” – morte) marca o começo de um processo no qual os bions desaparecem completamente da preparação (Wilcox, 2005).

Bions e bacilos-t são dois pólos de uma mesma realidade, a pulsação energética presente na matéria e fora dela, no todo que a envolve. Seu surgimento e desaparecimento

correspondem a momentos naturais e pontuais de um processo que se estende para além das aparências. No corpo humano, a formação de bions e de bacilos-t está ligada aos fenômenos metabólicos diários e banais responsáveis pela própria continuidade da vida. A presença destes corpúsculos, quando considerada de forma isolada, não significa quase nada. Uma gotícula de sangue numa placa de vidro degrada-se em bions e a seguir em bacilos-t, como qualquer matéria. A taxa com que este fenômeno, ocorre, porém, pode ser um indicador do estado de saúde do sujeito. Ao observar células cancerosas ao microscópio Reich identificou a presença maciça de bacilos-t e a quase ausência de bions. Quando presentes eles eram pálidos e de poucos movimentos, à beira de virarem novos bacilos-t. Este quadro repetiu-se em todas as amostras de células cancerosas que examinou, levando Reich a propor a ação dos bacilos-t como um dos fatores determinantes no aparecimento da doença (Reich, 1948/2009).

Reich descobriu que aquela energia não estava somente ali nas misturas que preparava em seu laboratório e que liberavam a energia contida na matéria. Como ele e sua equipe já haviam percebido que esta energia orgone não ficava contida dentro

dos tubos de ensaio. A maior concentração de energia parecia iniciar um processo desconhecido que excitava um quantum de energia que estava o tempo todo presente, não só no porão da propriedade, mas, potencialmente, em todo o ambiente. O ar dentro do laboratório, na penumbra, cintilava de pontos de energia que atravessavam o ar diante deles; os cabelos e as roupas de todos emitiam o mesmo brilho azul-acinzentado; as luvas de látex que um assistente deixou próximo a uma mistura de bions também se tornaram luminescentes. Este incidente chamou a atenção de Reich, ajudando-o a ver que materiais de origem orgânica aparentemente atraíam e retinham a energia orgone, ao passo que materiais inorgânicos atraíam mas depois repeliam a energia, numa ação que parecia simplesmente aumentar o movimento das partículas. Este foi o ponto de partida para a construção de um aparato capaz de captar e reter em seus limites a energia orgone livre no ambiente (Boadella, 1985).

O Acumulador de Orgônio

Uma série de equipamentos foram elaborados, posteriormente a Reich, para acumular orgônio ou nele transformar o DOR do ambiente, em um tipo de

processo de filtragem. Estes equipamentos podem ser facilmente feitos pela própria pessoa, e existem orientações para sua confecção na internet. No entanto, os estudos de Reich se concentraram principalmente em um aparelho chamado Cloudbuster e no Acumulador de Orgônio (Ferguson, 2012).

Segundo DeMeo (1999) os estudos com o Acumulador de Orgônio, que possibilitam a fundamentação teórica de sua construção e seus efeitos são oriundos de diversas fontes, que vão dos estudos de propriedades térmicas, magnéticas e outras propriedades físicas, até a influência sobre o crescimento de plantas, e reações à doenças em animais, além da sua influência no comportamento humano. Tal perspectiva já nos mostra, em consonância com a proposta de Reich, da consideração desse equipamento em seus diferentes efeitos, e da não indicação do seu uso, ou seu estudo a partir somente de uma das suas diversas influências.

Segundo Boadella (1985) O princípio geral do acumulador de orgônio é sua capacidade de concentração do orgônio da atmosfera dentro de sua estrutura. O termo “acumulador” não é rigorosamente correto, uma vez que nenhuma energia é acumulada no sentido

do seu armazenamento. O que ocorre é uma concentração de um fluxo contínuo preferencial para o seu interior promovido por um arranjo peculiar de materiais, e que perdura enquanto as condições ambientais e atmosféricas que propiciem este fluxo se sustentem. Em termos práticos, um acumulador de orgônio é uma caixa composta de materiais orgânicos e não-orgânicos intercalados que criam no espaço de seu centro um campo com concentrações mais elevadas de energia vital. A pessoa fica sentada em uma cadeira ou banco posicionado no centro da caixa e lá permanece por algum tempo absorvendo a energia e portanto, “esvaziando” a caixa, que deve ficar sem uso por um certo período a fim de recarregar-se.

O aparato é composto externamente por uma estrutura de madeira revestindo outras camadas sucessivas e alternadas de metal e madeira (ou outra substância orgânica, como algodão), de tal forma que a face interna seja de metal. Geralmente prefere-se chapas de aço galvanizado por causa de sua melhor sensibilidade à passagem do orgônio para madeira. Os materiais metálicos atraem e em seguida repelem parcialmente a energia orgone. Parte do que é atraído atravessa o metal; e a parte repelida é refletida de volta para o ambiente. Os materiais orgânicos, no

caso a madeira, atraem e retém a energia. Assim, um arranjo de madeira-metal-madeira-metal cria um fluxo de energia na direção da madeira para metal. A energia que atravessa o metal depois de ser atraída da madeira é novamente atraída pela camada seguinte, de madeira, e novamente atravessa o metal (em parte) e é repelida (também em parte) em direção à madeira; A madeira retém a energia e, novamente, a cede para o metal. Com isto, o interior da caixa, metálico, terá uma carga maior de energia do que o ambiente circundante. Por isso a caixa recebeu o nome de acumulador. Uma pessoa em seu interior, funcionando como uma nova camada de material orgânico absorverá a carga que vai se acumulando (DeMeo, 2010).

No entanto, desde a descoberta das variantes negativas do orgônio, o DOR, que também pode ficar disperso pela atmosfera, principalmente em ambientes onde há forte incidência de cargas eletromagnéticas oriundas de equipamentos eletrônicos, ou locais com alto índice de poluição, ou mesmo durante tempestades com raios, é percebida a necessidade de cuidado com o Acumulador de Orgônio. De fato, se o ambiente está carregado de DOR, e não de orgônio, o DOR também fluirá em maiores concentrações para dentro da

caixa, causando um ambiente nocivo (Wilcox, 2002).

Além disso, existem advertências quanto ao uso indiscriminado do acumulador e de outros equipamentos por ele desenvolvidos baseado nos mesmos princípios. Ao lado da descrição de seus benefícios no tratamento de diversas patologias, ele reiteradamente alerta que seu uso por si só não surte efeitos consistentes, como se fosse uma ferramenta mágica. Para se obter os melhores resultados, seu uso deve ser associado a uma terapia consistente e também baseada nos mesmos princípios de economia energética do acumulador. Em termos reichianos, isto aponta para uma linha de tratamento que, hoje, combina a análise do caráter e a vegetoterapia com o uso do acumulador, além de outros tratamentos adicionais como acupuntura, homeopatia, shiatsu, massagens orientais, dietas, exercícios respiratórios, tai chi chuan, entre outras, no que hoje se denomina terapias energéticas convergentes. Todos estes tratamentos têm em comum o fato de se basearem numa concepção energética do ser humano, daí serem convergentes à terapia Reichiana (Volpi, 2003)

A descoberta da energia orgone unificou e deu um norte ao trabalho de Reich. Após sua descoberta, ele se dá conta de que, mesmo quando ainda

trabalhava com a análise do caráter inteiramente verbal, tentando decifrar os “casos difíceis” que lhe eram enviados, seu objetivo era o mesmo: desbloquear no organismo e no psiquismo dos pacientes o caminho para a circulação tão plena quanto possível da energia vital, removendo os bloqueios musculares, caracteriais e energéticos que travam a vida. A vegetoterapia, que incluiu o trabalho direto sobre os bloqueios corporais responsáveis pelas atitudes caracteriais tratadas pela análise do caráter, não tardou a incorporar os dois termos: *vegetoterapia caracteroanalítica*. Foi a observação de vários fenômenos biofísicos que aconteciam no organismo no transcurso da vegetoterapia, mais a intuição de que deveria haver mais energia presente do que a que estava visível, que levaram Reich à pesquisa com os bions e à descoberta da energia orgone. Por isso, não hesitou em denominar sua terapia de orgonoterapia e situou o uso do acumulador como parte dela (Boadella, 1985)

A Teoria Reichiana sobre o Tratamento

Análise do Caráter

Reich (1933/1998) a analisar o sujeito e suas resistências criou uma definição específica sobre o termo caráter

ao adicionar a análise dos comportamentos típicos à formas tradicionais de manifestação do inconsciente propostas pela psicanálise, buscando assim observar o comportamento total do paciente. O termo é definido como a totalidade das atitudes individuais características de como o sujeito se porta no mundo, e inclui sua respiração, sua postura, sua forma de falar, de calar, de gesticular, suas tensões musculares e tudo mais que puder ser incluído sob o termo “comportamento”. A função do caráter é a proteção do ego de exigências advindas tanto do exterior quanto do interior do sujeito, evitando que perturbações saiam da ordem inconsciente e ganhe acesso “a consciência”. É o modo como o sujeito se organizou ao longo da vida para lidar com seu mundo interno e com as pressões do ambiente. O caráter se forma pela incorporação dos traços caracteriais dos adultos responsáveis pelos cuidados e pela educação infantil.

Reich (1933/1998) ainda nos mostra que nesse processo a educação possui um papel fundamental. A educação deve propiciar a satisfação parcial de certos impulsos, ao mesmo tempo em que fornece à criança formas de desenvolver uma tolerância aceitável da frustração e incorporar esta “tolerância” ao ego, fornecendo assim a

base de um funcionamento psíquico ponderado e orientado para a realidade. O problema todo está no grau com que se reprime ou se permite a satisfação dos impulsos infantis. Quanto mais severa a repressão, maior o esforço que o organismo terá que desenvolver para lidar com as pressões do ambiente (a educação) e com seus próprios impulsos reprimidos, que devem ser mantidos inconscientes. O caráter se forma como um calo (o ego) sobre uma pele (o psiquismo) que nunca conheceu um calçado: é inevitável o endurecimento de parte dos pés para que a criança alcance autonomia em seu caminhar. Deve ser formado aos poucos e com suavidade, para que o organismo incorpore lentamente as alterações impostas pelo ambiente ao seu funcionamento natural. Estas exigências devem ser razoáveis e respeitarem o temperamento e a individualidade de cada ser. Na nossa cultura, isto raramente acontece.

Baseado nas formas específicas que a repressão se dá, relacionada a períodos do desenvolvimento infantil, nas figuras associadas à repressão, na intensidade da repressão, e outros fatores, vão se estruturar alguns tipos básicos de caráter. Procurou enquadrar os tipos de caráter segundo a etapa do amadurecimento psicológico e orgânico predominante. Assim, ele falava de um

caráter anal, de um caráter fálico, de um caráter masoquista, de um caráter impulsivo, etc. Para o caráter completamente desenvolvido e que atingiu a maturidade biopsíquica, reservou o termo caráter genital. Segundo Reich, é raríssimo encontrar um caráter genital nas condições atuais em que se dá a socialização na espécie humana. Um caráter genital implica uma ótima gestação, um parto funcional, um bom contato com a mãe, uma amamentação conduzida segundo as necessidades do bebê, um desmame fisiológico, uma relação de respeito e companheirismo com o pai, um aprendizado do controle esfinceteriano amoroso e paciente, uma escolarização que enxergasse a singularidade da criança entre outros. Entra em destaque a ênfase de Reich na prevenção das patologias através dos cuidados com as crianças e com quem cuida delas. Por isso o caráter genital é a referência do paradigma reichiano. Por trás de cada classificação diagnóstica existe uma criança contrariada lutando para crescer. O diagnóstico de cada um de nós é a medida de quanto nos afastamos de nós mesmos (Oliveira & Albertini, 2009).

A análise do caráter vai exigir então um terapeuta muito mais ativo e atento às comunicações por parte do paciente, pois ele se expressa o tempo

todo de todas as formas. Mesmo seu silêncio é significativo e singular, considerando que não se trata mais da mera análise da verbalização. Tudo o que o paciente produz na sessão passou a ser material analítico e tem de ser cuidadosamente selecionado, interpretado, analisado e devolvido ou reservado para ser usado num momento mais adequado do tratamento. O principal objetivo da análise do caráter é tornar o paciente consciente das limitações que seu caráter impõe à expressão de sua personalidade e à satisfação de seus desejos, criando assim condições de restaurar sua funcionalidade natural. Ao trazer à consciência o medo e a angústia inconscientes formada em situações infantis de frustração e sofrimento, o sujeito aprofunda sua compreensão de si mesmo e se vê mais capaz e confiante para gerir as forças de sua vida de forma mais criativa e afirmativa. Ele recupera sua real potência, que é a força de seus desejos (Freitas, 2011).

Vegetoterapia

A vegetoterapia é uma decorrência da aplicação consistente da análise do caráter. Reich (1948/2009) observou que seus pacientes apresentavam as mais diferentes atitudes

corporais para expressar conteúdos psíquicos similares. Alguns choravam com os dentes trincados, outros desesperados, outros ainda em silêncio, outros a seco. A raiva podia ser mencionada de forma fria e distante ou dar ensejo a explosões de emoção furiosa. A tristeza podia ser uma palavra como outra qualquer ou evocar sentimentos profundamente dolorosos. Reich observou que o organismo como um todo acompanhava cada uma destas expressões com uma adaptação característica; entortava-se para um lado, para outro, retinha a respiração, tencionava certos grupos musculares, arregalava ou apertava os olhos. A pele também mostrava alterações, ficando vermelha ou pálida, quente ou fria, suando de modos distintos etc. Aparentemente o caráter se expressava e era mantido por alterações específicas no funcionamento corporal, que variavam segundo a especificidade do indivíduo.

O controle emocional era conseguido a partir do endurecimento crônico das regiões do corpo envolvidas na expressão das emoções. O endurecimento se dá com a contração de grupos musculares definidos, e toma a forma de anéis circulares de tensão que não cedem nunca e que tem como principal função reter e dissipar parte da energia dos impulsos suprimidos da

consciência e impedidos de se expressar. Existem sete grupos principais desses anéis; o ocular, na altura dos olhos e englobando o ouvido; o oral, na altura da boca. O nariz desempenha o papel de ponte entre estes dois níveis. A seguir temos o cervical, que abrange a área do pescoço e o tórax superior; o torácico, que se estende até a linha dos mamilos; o diafragmático vai do externo ao umbigo, na região de influência do diafragma; o abdominal compreende a região do baixo ventre e, por último, o pélvico que engloba a região genital. Os braços são considerados extensões do quarto nível e as pernas do sétimo. Todos estes níveis consistem de anéis circulares de tensão muscular crônica cuja influência estende-se ao interior do organismo, na medida em que o endurecimento crônico da musculatura prejudica a pulsação vital e a adequada nutrição energética dos órgãos, tecidos, células e estruturas do organismo. A esta altura, não deixa de ser interessante recordar a observação de Reich, de que os tumores cancerosos tendem a surgir nas regiões funcionais do corpo onde as contrações musculares de longo prazo são mais severas (Volpi & Paula, 2004).

Os anéis de tensão funcionam de modo articulado e organizado segundo um princípio que privilegia a minimização da tensão psíquica e da

angústia e a descarga ou reabsorção da energia dos afetos reprimidos. Na concepção reichiana, a memória afetiva inconsciente se estrutura na muscularidade. Combinados entre si, os sete níveis formam o que Reich (1933/1998) denominou Couraça Muscular de Caráter. O termo alude à unidade funcional somatopsíquica que forma o ser humano. Cada forma distinta de caráter tem uma couraça peculiar. Ele também propôs uma sistematização para a vegetoterapia caracteroanalítica e parâmetros claros para a formulação de hipóteses diagnósticas mais precisas, o que por sua vez torna mais segura a condução da terapia, tanto para o paciente quanto para o terapeuta. O diagnóstico energético estabelece referências, permite ao terapeuta saber exatamente onde está no processo, para onde deve se encaminhar, onde esperar maiores dificuldades.

Navarro (1996) agrega às indicações iniciais de Reich para a condução geral da vegetoterapia, que deve seguir a direção centrífuga e céfalo-caudal (de dentro para fora, de cima para baixo) um conjunto de ferramentas que enriquecem sobremaneira o processo. A massagem diagnóstica, a anamnese e uma leitura aprimorada do estado clínico e existencial do paciente são partes deste conjunto, assim como um pacote de

exercícios corporais muito simples (actings) e integrados, alguns desenvolvidos por Reich, outros propostos pelo próprio Navarro. Cada um dos sete segmentos da couraça corporal tem um conjunto específico de actings para o trabalho com ele. O objetivo deste trabalho é conduzir a pessoa, de modo suave e delicado, a percorrer, no processo terapêutico, o caminho de sua história psicoafetiva. O percorrer (verbal, afetivo, corporal, energético) propicia o afrouxamento da couraça caracterial e muscular, a descarga de afetos reprimidos, a eclosão de memórias esquecidas e finalmente a reorganização orgânica e psicológica que conduzem ao amadurecimento caracterial. O objetivo da vegetoterapia é redistribuir a energia vital da pessoa segundo um padrão que favoreça sua homeostase.

Ainda segundo o autor, a vegetoterapia é a pedra angular para se trabalhar com o sujeito na concepção reichiana, já que articula a análise do caráter com o trabalho corporal. Uma vez que o objetivo declarado da vegetoterapia é o de “redistribuir a energia vital da pessoa segundo um padrão que favoreça sua homeostase” ela lida com uma questão energética que lhe impõe um limite. Não se pode redistribuir o que não se tem. Pacientes com um patrimônio energético insuficiente para

fazer frente às demandas da própria sobrevivência devem ser abordados a partir de duas direções convergentes. Por um lado, como qualquer outro paciente, tem que ser adequado a si mesmo (vegetoterapia caracteroanalítica); considerada sua condição energética, este processo tem que ser conduzido com muita delicadeza para não se romper a tênue barreira que o protege. Se isto acontecer, pode sobrevir um surto psicótico ou uma crise depressiva grave. Por outro, este ser singular necessita cuidar sempre da própria energia, por ser especialmente sensível às suas flutuações. É neste caso que o uso do acumulador de orgônio e das terapias convergentes pode ser necessário e adequado.

Orgonoterapia

Segundo Reich (1948/2009) o acumulador carrega as estruturas biológicas com energia orgone. Este processo de carga reforça os impulsos vitais e coloca mais energia à disposição da pessoa. No entanto, para que surta efeitos positivos esta energia extra deve poder circular livremente por todo o organismo, vivificando-o. Mas, sem a vegetoterapia não o faz, devido à existência de bloqueios musculares crônicos decorrentes do processo de encouraçamento. Quando associada à

vegetoterapia o que se espera é que o uso constante do acumulador de orgônio pouco a pouco torne a pessoa mais consciente de suas limitações, de seus bloqueios e de suas dores, enfim, mais consciente de si mesma. No entanto, quando usado por si só, sem um acompanhamento isso pode não ocorrer, e a pessoa simplesmente se torne mais agitada, inquieta ou que, após um período inicial de intensa melhora, ela recaia novamente.

Isto não significa que o acumulador de orgônio não possa ser usado fora do setting terapêutico. Além de seu uso como instrumento de pesquisa também podemos constatar seu uso na prevenção de doenças, ainda que para tal haja a necessidade de uma orientação prévia. A vantagem de se conjugar seu uso com a vegetoterapia é a sinergia gerada. Com mais energia, os bloqueios se tornam mais evidentes, a hipótese diagnóstica pode ser melhor aferida, o processo como um todo pode ser melhor conduzido. Em pacientes com pouca energia, o uso do acumulador, ou de equivalentes, é indicado, mesmo após o término da terapia ou pelo menos daquele momento da terapia. O acumulador concentra a energia do ambiente circundante, ele deveria, sempre que possível, ser instalado num local bem ventilado, longe de fontes de poluição

magnética, industrial ou humana, arborizado e relativamente próximo de fontes de água corrente sempre que possível. O efeito do acumulador não é espetacular, pelo contrário, é cumulativo e suave (Volpi, 2004).

Além do acumulador, na forma tradicional proposta por Reich, veem-se hoje algumas opções que seguem o mesmo padrão, e com a mesma intenção. É o caso da manta orgonômica, confeccionada segundo os mesmos princípios (alternância de camadas de matéria orgânica e inorgânica), porém com materiais mais leves e maleáveis – algodão cru e palha de aço desenrolado. Duas camadas de algodão cru (de estofador) intercaladas por duas camadas grossas de palha de aço desenrolado fazem uma manta que concentra a energia na face da palha de aço (que funciona como a parede interna do acumulador). Esta manta, além de mais barata de confeccionar, é mais prática, podendo ser usada nas mais variadas situações: pessoas fracas que não podem ficar sentadas no acumulador, bebês, animais doentes, grávidas, convalescentes de cirurgias, vítimas de queimaduras, acidentes etc. Assim como no acumulador, recomenda-se um período de pausa entre os usos, de modo a ventilar e recarregar o aparato. O tempo de uso, numa e noutro, manta e acumulador, deve

ser de até 30 minutos diários, preferencialmente em momentos do dia em que o sol esteja alto no céu para se aproveitar melhor a energia da atmosfera (Volpi, 2003).

Considerações Finais

O pensamento de Reich sempre buscou soluções mais práticas e acessíveis que pudessem trazer benefícios e melhorar a vida da maioria das pessoas. A formação do seu pensamento foi decisivamente influenciada pela obra de duas das maiores personalidades dos tempos modernos, Freud e Marx. Isto explica em parte seu empenho em tornar a psicanálise acessível às massas. Mas Reich também tinha qualidades que não eram nem freudianas nem marxistas. Propunha-se a olhar o homem e a natureza, de considerar o primeiro como parte da segunda, e não colocá-lo à parte, acima, de fora, de lado. Essas atitudes e as propostas derivadas delas entraram em choque com formas tradicionais de pensar o homem, a natureza, o cosmos, o cuidar e a cura.

Em cada um destes domínios de pensamento estão embutidos mecanismos que de forma sutil tentam extrair da pessoa sua autonomia, sua liberdade, sua autoregulação. No campo do tratamento e da cura, estão em jogo propostas que

retiram do sujeito a responsabilidade por sua saúde e que, ao mesmo tempo, provocam sua submissão a sistemas de tratamento que não só retiraram sua liberdade de ação e escolha, mas também estabelece dependências financeira e sociais, alimentando um círculo vicioso cujo centro encontra-se na gênese das doenças que esses próprios sistemas se arvoram capazes de curar.

O fato da obra de Reich tratar, em sua maior parte, de referências teóricas e de experimentos realizados há mais de meio século, faz com que seu trabalho seja encarado com certa desconfiança, o que é reforçado pelos poucos estudos independentes que validem suas teorias. Tais fatos constituem-se como fortes empecilhos para um exame sério e sistemático de suas propostas, e conseqüentemente, a uma divulgação e apropriação de suas teorias também sem a seriedade e sistematicidade necessárias. A divulgação e o uso do acumulador de orgônio é um exemplo claro desse processo.

Embora seja um instrumento que desperta a curiosidade de quem faz contato com ele, tal curiosidade deveria vir associada a um processo mais amplo de conhecimento das teorias reichianas e às suas propostas terapêuticas. E a compreensão do aparato teórico que o embasa demanda um esforço

significativo, dada a amplitude da obra de Reich e a necessidade de compreendê-la a partir da articulação de seus conceitos. O presente texto se propõe a ser, embora simples, uma proposta de articulação desses conceitos, mas sempre considerando que a obra de Reich trata-se um sistema aberto, onde confirmações e acréscimos podem vir de todas as partes. O Acumulador não constitui um

tratamento em si e por si, mas é uma boa janela de onde se pode falar da terapia, de Reich, da saúde e da energia. O que buscamos é mostrar que, àqueles que adentraram à obra de Reich pelo acumulador de orgônio, o caminho que devem seguir deverá sempre, levar à Orgonomia.

Referencias

- Aguiar, F. (2001). Método Clínico: Método Clínico? *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(5), 609-616. Retrieved in feb, 23, 2016, from <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n3/7846.pdf>.
- Boadella, D. (1985). *Nos Caminhos de Reich*. São Paulo: Summus.
- DeMeo, J. (1999) Report on orgone Accumulator stimulation Of sprouting mung beans. *Subtle Energies & Energy Medicine*, 21(2), 51-62. Retrieved in oct, 12, 2014, from <http://www.orgonelab.org/DeMeoSeedsSubtleEnergies.pdf>.
- DeMeo, J. (2010) *The Orgone Accumulator Handbook: Wilhelm Reich's Life-Energy Discoveries and Healing Tools for the 21st Century, with Construction Plans*. Ashland: Greensprings.
- Ferguson, B. (2012). *Digging deep into the workings of orgone energy* (E-Book). Retrieved in may, 18, 2015, from <http://www.free-ebooks.net/ebook/Orgone-Explained/pdf?dl&preview>.
- Freitas, L. L. (2011). *Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria*. Curitiba: Centro Reichiano. Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/FREITAS,%20Luciana%20Lorenzetti%20T.pdf>.

- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001) *Vocabulário de Psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Navarro, F. (1995). *Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica*. São Paulo, Summus.
- Navarro, F. (1996). *Metodologia da Vegetoterapia caractero-analítica: sistemática, semiótica, semiologia e semântica*. São Paulo: Summus.
- Oliveira, J. R. & Albertini, P. (2005). Notas sobre a noção de caráter em Reich. *Psicologia ciência e profissão*, 25 (2), 286-303.
- Reich, w. (1979) *The Bion Experiments: On the originof life*. New York: Farrar Strauss Giroux. (Original published in 1938).
- Reich, W. (1998). *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1933).
- Reich, W. (2009). *A Biopatía do Câncer*. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1948).
- Vasconcelos, E. G. (2009). Isso é o isso e sem isso nada é sobre a energia vital em Reich e Groddeck. Curitiba: Centro Reichiano. Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202009/VASCONCELLOS,%20Esdras%20Guerreiro%20-%20Isso.pdf>
- Volpi, J. H. (2003). *Primeiros passos para a construção de um acumulador de orgônio*. Curitiba: Centro Reichiano, Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/VOLPI,%20Jos%C3%A9%20Henrique%20-%20Primeiros%20passos%20para%20a%20construcao%20de%20um%20acumulador.pdf>.
- Volpi, J. H. (2004). *Um panorama histórico de Wilhelm Reich*. Curitiba: Centro Reichiano. Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/VOLPI,%20Jos%C3%A9%20Henrique%20-%20Um%20panorama%20historico%20de%20Wilhelm%20Reich.pdf>
- Volpi, J. H. (2004). *Reich, a ciência moderna e os postulados sobre a origem da vida*. Curitiba: Centro Reichiano, Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/VOLPI,%20Jos%C3%A9%20>

[Henrique%20-%20Reich,%20a%20ci%C3%A7%C3%A3o%20moderna%20e%20os%20postulados.pdf](#)

Volpi, J. H. & Paula, M. B. (2004) A prática da vegetoterapia caracterológica. Curitiba: Centro Reichiano. Retrieved in feb, 12, 2016, from <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202004/Jose%20Henrique%20e%20Maria%20Beatriz.pdf>

Wilcox, R. M. (2002) *A Skeptical Scrutiny of the Works and Theories of Wilhelm Reich*. Roger M. Wilcox's Home Page. Retrieved in mai, 18, 2015, from <http://www.rogerwilcox.com/reich/index.html>.

O autor:

Sanyo Drummond Pires possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (2013). Atualmente é professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), atuando principalmente nas áreas de avaliação psicológica, dependência química, e economia solidária. e.mail: sanyodrummond@yahoo.com.br

David Cesar Eliseu é graduado em psicologia pela FAMINAS de Muriaé – MG.

Recebido em: 23/02/2016

Aprovado em: 30/06/2016